

**Discursos de gênero significando corpos e masculinidades (a)normais
no espaço escolar**

*Gender discourses meaning (a)normal bodies and masculinities
in the school space*

Arthur Furtado BOGÉA¹

Resumo

O trabalho se insere no campo das temáticas sobre gênero e sexualidade na educação com recorte sobre as masculinidades. Objetiva analisar como os discursos de gênero (re)produzidos no espaço escolar por alunos de uma escola pública estadual do município de Bacabeira-MA significam corpos masculinos como (a)normais. Traz uma abordagem qualitativa, com seu aporte teórico metodológico fundamentado nos estudos pós-estruturalistas e na teoria *queer*. A coleta de dados foi realizada em uma escola pública estadual de educação integral da cidade de Bacabeira-Ma. Os instrumentos metodológicos foram a pesquisa bibliográfica, observação participante e entrevista semi-estruturada. Os dados foram analisados a partir da análise de discurso com base na teorização *queer*. Conclui-se que os discursos criam significados para os corpos a partir de uma visão naturalizada e que esses discursos no espaço escolar posicionam referências de masculinidades como (a)normais, a partir da forma como os corpos se apresentam.

Palavras chaves: Gênero. Masculinidades. Discursos. Corpo.

Abstract

This study is part of the scope of the topics concerning gender and sexuality in education, with a focus in masculinities. It aims to analyze how gender discourses (re)produced in the school space by students of a state public school in the township of Bacabeira-MA signify male bodies as (a)normal. It brings a qualitative approach, with its theoretical methodological contribution based on post-structuralist studies and queer theory. The data collection was realized in a state public school of full-time education in the city of Bacabeira-Ma. The methodological instruments were bibliographic research, participant observation and semi-structured interviews. The data were analyzed from the discourse analysis based on the queer theorization. The conclusion is that discourses create meanings for the bodies from a perspective naturalized and that these discourses in the school space set references of masculinities as (a)normal, based on how the bodies are presented.

Keywords: Gender. Masculinities. Speeches. Body.

¹ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: arthurbogea@gmail.com

Introdução

Nas sociedades atuais, as configurações das identidades começam a partir da gestação. Desde o momento que os discursos médicos dizem “é um menino” ou “é uma menina”, os processos de conformação a padrões estabelecidos como naturais para cada corpo começam a ser feitos, tendo duas únicas referências, a masculino e a feminina. A partir disso, constroem-se fronteiras com base na configuração de elementos tidos como próprios para cada corpo, uma vez que os corpos não são apenas “músculos, ossos, vísceras, reflexos e sanções”, mas existe todo um investimento cultural como a “[...] roupa e os acessórios que o adornam, intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam[...]”, “[...]os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos”, por tudo aquilo que se diz sobre ele e pela significação do que é um corpo pertencente às normalidades ou anormalidades (GOELLNER, 2013, p. 31).

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar como os discursos de gênero (re)produzidos no espaço escolar por alunos de uma escola pública estadual do município de Bacabeira-MA significam corpos masculinos como (a)normais.

O trabalho traz uma abordagem qualitativa, com seu aporte teórico metodológico fundamentado nos estudos pós-estruturalistas e seus desdobramentos na teoria *queer*. A pesquisa para levantamento dos dados que resultaram neste artigo foi realizada em uma escola pública estadual de educação integral da cidade de Bacabeira-Ma. Os instrumentos metodológicos utilizados foram a pesquisa bibliográfica, observação participante e entrevista semi-estruturada. Após o levantamento dos dados foi feita uma análise discursiva do material coletado com base na teorização *queer*.

O período de observação foi de julho a dezembro de 2018. Nesse período acompanhei o dia a dia dos alunos nas aulas, nos intervalos para lanches, no intervalo do almoço e na saída. Foram observados alunos que se autodeclararam possuidores de identidade de gênero masculina, de quatro turmas do ensino médio, tendo como critério ter no mínimo uma turma de cada ano do Ensino Médio.

Posteriormente ao período de observação e com as informações dessas observações em mãos, identificamos alguns discursos de gênero que mais apareciam entre os alunos e, a partir disso, verificamos quais os sujeitos mais manifestavam esses discursos nas suas relações cotidianas em sala de aula ou nas áreas de convivência comum da escola. Após essa verificação escolhemos os alunos que seriam entrevistados. Foram

realizadas doze entrevistas com doze alunos. Usamos como critério escolher três alunos de cada uma das quatro turmas observadas. As entrevistas versaram sobre as experiências de gênero dos participantes da pesquisa no espaço escolar, como eles significam o funcionamento desse espaço, os atos corporais apresentados pelos alunos e sobre as suas relações com os outros alunos que ocupam o espaço escolar.

Tivemos todo o cuidado de adotar os procedimentos éticos para as pesquisas em ciências humanas e sociais, nos processos de produção de informações e nos demais encaminhamentos adotados no desenvolvimento desta pesquisa de acordo com a Resolução nº 501/2016 do CEP/CONEP. Por se tratar de uma pesquisa em que alguns participantes eram menores de idade, nas quais os pais e/ou responsáveis pelo menor precisam autorizar a sua participação, adotamos o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Como medida para garantir o total sigilo, confidencialidade e privacidade dos participantes deste trabalho, os participantes não serão identificados por seus nomes próprios ou por qualquer outra forma que possa associar o que está escrito com a pessoa que me prestou a informação, por essa razão os participantes serão nomeados por nomes fictícios.

O trabalho está dividido em três momentos. No primeiro trago uma análise sobre o processo de significação dos corpos a partir de uma matriz biológica, que naturaliza comportamentos e posiciona corpos como normais e anormais. No segundo momento faço uma análise, a partir dos discursos de gênero produzidos e reproduzidos pelos alunos participantes da pesquisa no espaço escolar pesquisado, sobre a relação entre a forma como os alunos apresentam seus corpos e a construção de significados sobre suas masculinidades. No último momento trago algumas considerações finais a respeito das questões apresentadas ao longo do trabalho.

Neste trabalho, tentamos ir além dos limites impostos pela estrutura de gênero e daquilo que os discursos institucionalizados têm falado sobre os gêneros, as masculinidades, os discursos e os corpos no âmbito da educação. Além de analisar a temática proposta à luz das informações produzidas, o trabalho pretende dar voz às pessoas silenciadas no espaço escolar e situá-las como sujeitos históricos, políticos, sociais, possuidores de direitos e merecedores de respeito.

O processo de construção de corpos (a)normais

Existe na sociedade um padrão que posiciona pessoas como “normais” ou “anormais”, porém esse padrão é estabelecido social e culturalmente. Ele só se mantém como norma, na proporção que suas práticas se realizam, “re-idealizam e re-instituem” nas práticas diárias da “vida do corpo”. (BUTLER, 2014, p.22). Assim, no dia a dia do espaço escolar as normas de gênero também vão se produzindo e reproduzindo.

Nesse sentido, o que se tem são identidades de gênero como construções performativas, nas quais se mantêm o gênero em uma estrutura binária, que foi produzida discursivamente ao longo do tempo como “verdade”. A subversão dessa estrutura acontece quando as pessoas variam os atos repetidos de gênero e criam uma nova possibilidade dentro das fronteiras da própria norma que está sendo subvertida e com isso criam-se novas significações para além da estrutura binária.

Se a subversão for possível, será uma subversão a partir de dentro dos termos da lei, por meio das possibilidades que surgem quando ela se vira contra si mesma e gera metamorfoses inesperadas. O corpo culturalmente construído será então libertado, não para seu passado “natural”, nem para seus prazeres originais, mas para um futuro aberto de possibilidades culturais. (BUTLER, 2003, p. 139).

O corpo é uma construção cultural que se modifica de acordo com a cultura na qual está inserido, assim como dentro de uma mesma cultura em períodos históricos distintos e, ainda, podem mudar seus significados de acordo com a fase da vida de cada sujeito. Portanto, não só o gênero e a sexualidade, mas os próprios corpos são construções sociais e culturais, não ontológicas, que “guiam” os sentidos em processos de inteligibilidades na interação social (BUTLER, 2003).

A concepção, forma como este é representado e os significados construídos sobre o corpo passaram por diversas transformações ao longo da história. Laqueur (2001) apresenta um rico material histórico a respeito de como os discursos que significavam os corpos mudaram ao longo do tempo. O autor tenta demonstrar que a anatomia e a natureza fazem parte de uma complexa construção baseada no conhecimento científico e por isso, o corpo foi interpretado, inventado e significado.

Seguindo esse pensamento, Foucault (1979) demonstra que nossos gestos presentes nos corpos são construções culturais historicamente datadas. Existe um investimento pelas instituições sociais como escola, hospitais, prisões etc., de diferentes

disciplinas que visam docilizar, conhecer e controlar os corpos. O controle exercido pela sociedade sobre as pessoas não tem sua operação centrada apenas nas ideologias ou na consciência, mas inicia no e com o corpo.

As análises de Foucault revelam, por fim, ser possível e necessário problematizar o corpo, ou seja, estranhá-lo, colocá-lo em questão. Problematizar, por exemplo, os significados e a valorização que determinadas culturas atribuem a alguns corpos, as práticas narrativas a eles associados, as hierarquias que a partir de sua anatomia se estabelecem. [...] ainda que seja absoluta uma certeza: o corpo é ele mesmo uma construção social, cultural e histórica. (GOELLNER, 2013, p. 35).

Portanto, são os discursos que constituem os corpos e instituem normas de gênero que regulam suas práticas, expressões, experiências e inserem neles efeitos de naturalidade que são configurados a partir da reiteração de atos, ações, gestos, movimentos, falas etc. Contudo, essa naturalidade traz a ideia de que aquilo que os corpos são é resultado de uma pré-condição da natureza e dessa maneira produziu naturalmente marcas que os identificassem. Essas marcas deveriam garantir a identificação daquilo que o sujeito é e determinar o que ele não é ou não pode ser.

No entanto, Louro (2000, p. 62) nos mostra que “os corpos são significados, representados e interpretados culturalmente, que diferentes sociedades e grupos atribuem significados também diferentes às características físicas”, desta forma o que define um corpo como masculino são significados atribuídos a determinados “traços ou características” que em dada sociedade podem ser considerados mais notáveis e dessa forma se tornam “marcas” definidoras, porém em outras sociedades essas mesmas características podem não ter nenhuma relevância e as marcas definidoras de masculinidade podem estar em outras características.

Parece mais fácil (mais seguro?) acreditar que as características chamadas "físicas" estão fora da cultura, são duráveis, estáveis, fixas e, portanto, confiáveis. No entanto, não somente os significados dessas marcas se modificam nas várias culturas, mas elas mesmas mudam ao longo da existência das culturas e dos sujeitos: os corpos se alteram devido à idade, à doença, às condições de vida; eles mudam pelas imposições sociais, pelas exigências da moda, pelas intervenções médicas, pelas transformações e possibilidades tecnológicas. (LOURO, 2000, p. 62).

O que se precisa observar não é a natureza biológica, mas como determinados significados estão sendo atribuídos como norma para a apresentação dos corpos e como

processos históricos e culturais tornaram de “mais valor” alguns significados dados a certas características físicas e não outras (LOURO, 2000).

Sobre pensamento encontramos em Butler que a incorporação do sexo, tido como biológico, é tido como uma norma para a configuração dos corpos. Ela mostra que o sexo não funciona apenas como uma norma, mas também, como uma “prática regulatória que nomeia os corpos que governa” através de “práticas altamente reguladas” (BUTLER, 2000, p. 154). Todavia, o sexo não é estático e por essa razão, os corpos precisam reiterá-los através da obediência à norma que ele cria.

Desta forma, se existe a necessidade de reiteração do sexo pelos corpos é sinal de que a sua materialização nunca é totalmente completa, sendo assim os corpos não são totalmente passivos e conformados àquilo que a norma os impõe. Esse processo de reiteração abre espaços para novas formas de significação e desconstrução de normas que regulam os corpos a partir de uma visão naturalizada de seus significados sociais.

Os discursos jurídicos, religiosos, pedagógicos, médicos, científicos, dentre outros, estão presentes no processo de significação dos corpos, uma vez que todos os sujeitos estão inseridos em um sistema de discursos que possui o poder de significar o que são corpos masculinos e corpos femininos e quais corpos não podem ser inseridos nessa divisão (BUTLER, 2000).

Posto isto, entendemos que os corpos são compreendidos como materialidades construídas no e pelos discursos. Butler (2003) mostra que atos, gestos e desejos produzem o efeito de uma essência nuclear interna, no entanto esse efeito é produzido na superfície do corpo através de significações naturalizadas. Aquilo que se tem como materialidade natural é, na verdade, efeito da norma que o nomeia. Essa norma só persistirá como norma na medida em que é reiterada nas práticas corporais cotidianas, da mesma maneira como “ela própria é (re)produzida na sua corporificação, por meio dos atos que se esforçam para se aproximar dela, por meio de idealizações produzidas nos e por esses atos” (BUTLER, 2014, p. 269).

Nas escolas, por exemplo, a reiteração da norma como uma materialidade natural está presente não só na forma como é produzida, a partir de uma perspectiva masculina heterossexual em diversas áreas e disciplinas, o que deixa de lado “os saberes, as experiências e os problemas das mulheres e dos grupos homossexuais”, mas toda a estrutura que compõe a escola é construída tendo como referência essa ótica e assim, “as práticas cotidianas, os arranjos físicos, a distribuição espacial e temporal dos indivíduos

também inscrevem e reafirmam, continuamente, as marcas das diferenças sexuais e de gênero.” (LOURO, 2000, p. 68).

Dessa forma, segundo Foucault (2009, p. 75), “a operação de normalização disciplinar consiste em procurar tornar as pessoas, os gestos, os atos” conformados ao modelo da norma, assim quem se conforma a ela é considerado normal e quem não se conforma é considerado anormal. Contudo, “o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não é o normal e o anormal, é a norma” [...]. É ela que primeiro é estabelecida e, a partir dela, os corpos são divididos e posicionados.

O que ocorre nas escolas é disciplinamento das mentes acompanhado pelo disciplinamento dos corpos, uma vez que “os processos de escolarização sempre estiveram - e ainda estão - preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, de jovens homens e mulheres.” (LOURO, 2000, p. 60). Por essa razão, os processos educacionais relacionados aos corpos precisam ser analisados a partir de uma contextualização histórica e política dos significados atribuídos às características inseridas nesses corpos, pois essa contextualização nos ajuda a compreender que dependendo de onde se fala, o corpo terá múltiplos significados.

“Ah, isso não é cabível pro homem”: expressões corporais de masculinidades significadas como não masculinas

O espaço escolar pesquisado é marcado pelas múltiplas referências de masculinidades, mas não é qualquer representação de masculinidade que canaliza o poder da norma, mas é através de práticas, discursos e aspectos organizacionais, ainda sustentados por uma base que não percebe ou não quer perceber as multiplicidades de gênero, que acabam se configurando identidades masculinas desiguais.

Para Connell (1996) aquilo que entendemos como masculinidade e feminilidade são noções construídas historicamente e que variam em contextos sociais e culturais diferentes. Dentro de um mesmo grupo social podem existir diversas referências de significação e diferentes formas de fazer masculinidade. Além disso, a autora considera fundamental o reconhecimento de que existem múltiplas e diferentes práticas de masculinidade e são essas diferenças que estabelecem posições hierárquicas, em disputas constantes pela hegemonia nas relações de gênero.

Desse modo, é através de diferentes instâncias, muitas vezes ocultas ou invisíveis, que se reproduzem referências excludentes incorporadas pelos alunos e que constroem

aquelas tidas como diferentes ou “anormais”. Assim, “gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a *preferir*”. (LOURO, 2001, p. 61).²

Essa relação pode ser percebida nos discursos dos próprios alunos participantes da pesquisa ao apontarem comportamentos como não masculinos, mesmo expressos por pessoas que se autodeclaram masculinas, como se determinados comportamentos fossem produtos de uma essência natural do corpo com pênis.

A gente já começou a observar os meninos pra ver realmente **quem tinha mais o jeito, a gente fala quebrado**. Eu vi um, ele anda **muito empinadinho e rebolando**, ele anda muito assim, não sei como dizer, quase intocável. (Fragmento de entrevista com aluno Jorge do 1º ano em 12/02/2019).

Tem algo que eu acho que não é um comportamento de homem, tipo, é uma coisa que eles gostam de fazer bastante lá na sala que é **ficar pegando na bunda dos outros, eu acho que isso não é coisa de quem quer demonstrar tanta masculinidade**. (Fragmento de entrevista com aluno Moisés do 2º ano em 14/02/2019).

O que podemos perceber é que o *jeito* de um aluno, ou seja, a forma como ele apresenta seu corpo, é usado como meio para significá-lo naquele espaço. A partir do seu *jeito* de andar, falar, sentar, sorrir, das roupas que veste etc., criam-se diversos significados para seu gênero e sua sexualidade.

Essa significação é sempre feita a partir do olhar do outro e se esse aluno não segue as regulações normativas de gênero é posicionado como anormal. Por isso, um homem que se diz masculino e que fique andando **muito empinadinho e rebolando** não é considerado um homem com comportamentos masculinos, mas com comportamentos femininos, pois andar rebolando, quebrado, empinado são expressões socialmente tidas como pertencentes naturalmente a corpos com vagina.

O que deveria determinar se um ato é masculino ou feminino seria a forma como o corpo que o expressa se autodeclara, ou seja, se o corpo de diz masculino, qualquer ato que ele expresse será um ato masculino. Isso foi percebido no espaço escolar pesquisado ao vermos alunos expressando comportamentos que pelas normas de gênero deveriam pertencer naturalmente ao feminino, mas que se autodeclaram homens masculinos e heterossexuais.

²Grifos da autora.

Porém, por apresentarem esses comportamentos que socialmente se constituíram como não pertencentes à “masculinidade natural”, alguns alunos são posicionados como fora da normalidade e significados como não pertencentes às masculinidades heterossexuais. Assim, no espaço escolar pesquisado, tanto gênero quanto sexualidade estão sendo definidos a partir dos significados que o outro atribui aos atos de alguém. Essa significação é sempre feita a partir da ideia de existência de uma normalidade natural para os corpos.

Por isso somos vigiados, controlados e disciplinados o tempo inteiro, pois o que se busca são corpos dóceis (FOUCAULT, 2014), conformados às normas de gênero. É nesse sentido que existe tanto estranhamento com algumas expressões de gênero e sexualidade, pois elas rompem com as normas e desconstroem as estruturas naturalizadas ao revelarem outras formas possíveis de se experienciar as masculinidades. No entanto, para alguns, o aluno pode até ser gay, mas **“pô, tu sabe que tu é assim, mas tipo, te valoriza, fica mais na tua”, pois ser assim se desliga dos valores de nossa sociedade**³.

Essa é a visão do armário tão presente em nossa sociedade e reproduzida no espaço escolar, uma vez que se torna característica fundamental da vida social de pessoas que são significadas como fora dos padrões normativos. Segundo Sedgwick (2007), o armário faz parte de um regime de controle da sexualidade que mantém viva a divisão hétero-homo ao criar um conjunto de normas que nem sempre são explícitas, mas rigidamente institucionalizadas. Essas normas configuram o espaço público como sinônimo de heterossexual, colocando o privado como lugar das relações não heterossexuais.

Ampliando esse pensamento e trazendo ele para o espaço escolar pesquisado, percebe-se que mesmo os alunos que se autodeclaram gays e que possuem um comportamento diferente dos padrões normativos e que de certa forma são respeitados e aceitos nesse espaço, ainda assim, as normas do “armário” são uma presença formadora, uma vez que muitas de suas expressões devem ser relegadas ao privado, já que **a nossa sociedade não é acostumada a ver dois homens se beijando**⁴, por exemplo.

Cabe ressaltar que não são só os alunos gays as vítimas dessas normas, o “armário” acaba sendo uma forma de controle para todos, visto que determinados comportamentos podem ser significados como **“ah, isso não é cabível pro homem**⁵” e mesmo que o

³ Fragmento de entrevista com aluno Raylson do 3º ano em 21/02/2019.

⁴ Fragmento de entrevista com aluno Raylson do 3º ano em 21/02/2019.

⁵ Fragmento de entrevista com aluno Gilvane do 3º ano em 06/02/2019.

próprio aluno, independentemente de ser gay ou não, signifique esses comportamentos de forma diferente, as normas padrões buscam maneiras de impor-lhe o “armário”, ou seja, ele deve esconder, ocultar, silenciar e adestrar até aquilo que acredita ser o certo, se estiver fora dos padrões.

Desse modo, ser um aluno que se autodeclara gay ou estar se descobrindo como tal ou, ainda, apresentar expressões tidas como pertencentes ao feminino ou a homossexuais, não é uma situação fácil no espaço escolar, pois tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais são constantes. Segundo Junqueira (2009, p. 17), no espaço escolar persiste a prática de uma “pedagogia do insulto”, que se materializa nas experiências desse espaço a partir de “piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes – poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica”. É nessa estrutura que os alunos, conscientes ou não do que estão fazendo, produzem e reproduzem certa hostilidade contra outros alunos que estão fora dos padrões normativos.

As “brincadeiras” heterossexistas e homofóbicas (não raro, acionadas como recurso didático) constituem-se poderosos mecanismos heterorreguladores de objetivação, silenciamento (de conteúdos curriculares, práticas e sujeitos), dominação simbólica, normalização, ajustamento, marginalização e exclusão. Essa pedagogia do insulto se faz seguir de tensões de invisibilização e revelação, próprias de experiências do armário. Uma pedagogia que se traduz em uma pedagogia do armário, 14 que se estende e produz efeitos sobre todos/as (JUNQUEIRA, 2012, p. 69).

As portas do “armário” podem até estar abertas, mas ainda não se conseguiu sair totalmente de dentro dele, ainda não se tem liberdade de ser o que quiser ser, menos ainda de se desejar o que se deseja. As normas de gênero estão o tempo todo tentando colocar as pessoas de volta no “armário”, mesmo que seja parcialmente, pois “pode ser gay, mas não pode ter jeito de mulher”⁶.

Percebe-se a presença constante de uma visão essencialista a respeito das expressões de gênero, como se determinadas práticas e comportamentos fossem prerrogativas da essência natural do corpo macho ou fêmea. Sendo assim, os comportamentos que os alunos devem expressar devem ser “correspondentes a um laborioso aprendizado sociocultural que os ensina a agir conforme as prescrições de cada

⁶ Fragmento de diário de campo em dezembro de 2018.

gênero". Há uma expectativa em relação à maneira de como alunos devam se portar" (OLIVEIRA JÚNIOR; MAIO, 2014, p. 81).

Os discursos de gênero produzidos e reproduzidos no espaço escolar buscam marcar os corpos com modos específicos de como deverão estudar, relacionar-se com outras pessoas, experienciar as maneiras de ser homem e mulher, constituindo a escola num lugar de re/des/construção de estereótipos de gênero. Por essa razão ouve-se muito, ao se referirem a alunos com comportamentos fora dos padrões normativos, "ele é um gay afeminado⁷".

Dizer que um aluno é "afeminado" é reafirmar a existência de apenas dois pólos de gênero e recair na ideia de que o gênero e a sexualidade possuem uma linearidade coerente entre si e são efeitos de essências biológicas presentes nos corpos, quando na verdade, tudo isso são discursos que ao longo da história posicionaram e configuram comportamentos para "corpos masculinos" e "corpos femininos".

Dessa maneira, o aluno que se diz masculino deve viver em uma constante vigilância para não expressar atos considerados femininos ou pertencentes ao "*jeito de gay*" ou não deixar que façam em seu corpo qualquer coisa que possa colocar em dúvida essa masculinidade. Dentre os alunos participantes da pesquisa percebemos que a forma de tentar afastar de si qualquer dúvida sobre sua masculinidade e heterossexualidade era agir com xingamentos e violência, como demonstra o discurso a seguir.

No intervalo para o lanche, um aluno ia para o banheiro e **outro passou e bateu na bunda dele, ele virou-se rápido e disse "tá doido desgraça? Vou arrebentar tua boca"**. (Fragmentos de diário de campo, outubro de 2018).

Isso demonstra que para alguns alunos, mesmo "respeitando" outras formas de viver as masculinidades, devem manter-se fiéis aos padrões normativos e distantes dessas expressões consideradas não masculinas. Esse distanciamento pode ser visto nas constantes recusas a trocas afetivas entre alunos, muitas vezes através de ameaças, empurrões e xingamentos.

Ressaltamos que no espaço escolar pesquisado, as trocas afetivas entre alunos são comuns e praticadas por quase todos como parte da normalidade das masculinidades, Assim era comum vermos alunos abraçados, andando de mãos dadas, dando beijos no rosto, deitados um no colo do outro, dentre outras formas de demonstrar afeto. Para a

⁷ Fragmento de diário de campo.

maioria dos alunos esses atos não eram considerados algo fora da normalidade, todavia, em alguns casos são duramente rejeitados, uma vez que não são práticas tidas como comuns em outros espaços fora da escola e por isso são significadas por estes que rejeitam como “anormais”.

Um aluno estava em pé na fila para o lanche, outro **aluno chega e o abraça por trás, ele empurra o outro e diz “me solta maluco que eu não sou Pompeia⁸ pra tu agarrar assim”**. Eles ficaram olhando para outro aluno e rindo, percebi que eles estavam se referindo a outro aluno. (Fragmentos de diário de campo, agosto de 2018).

Durante o intervalo para o lanche **um garoto chega perto do outro como se fosse abraça-lo, o aluno que estava parado empurrou o outro imediatamente e falou “tu da ficando é doido sô, tu acha que quero macho me agarrando”** e foi se afastando. (Fragmentos de diário de campo, outubro de 2018).

Eu abraçando meus amigos porque sei que dali não vai sair nada, **não corro nenhum risco**, mas ficar beijando em rosto, deitando em colo, eu não faço não. Tipo, sei lá, **eu não acho isso certo não, eu acho muito fresco homem que fica beijando outro**. (Fragmento de entrevista com aluno Vinicius do 2º ano em 26/02/2019).

Rejeitar um abraço, um beijo no rosto ou repelir um gesto que tenha a aparência de uma demonstração de afeto ou, ainda, reagir com violência a essas práticas é parte da construção discursiva a respeito das masculinidades enquanto identidade de gênero. Os discursos de gênero atravessam, modulam e regulam os contextos sociais ao criarem símbolos, doutrinas, instituições, organizações sociais e políticas e as próprias identidades subjetivas. (MAYER, 1996).

Esses garotos são atravessados por esses discursos em todos os espaços que frequentam desde o seu nascimento. Por essa razão suas identidades autodeclaradas masculinas, são conformadas aos padrões estabelecidos historicamente para comportamentos de “homens”. Assim, as configurações de suas masculinidades são feitas por suas ações reais e por aquilo que é esperado ou imaginado para eles, ou seja, acabam reproduzindo o discurso daquilo que a norma espera deles e agem a partir desses discursos.

O que a norma espera deles é que afastem certas expressões que possam ser significadas como femininas ou homossexuais e eles acabam internalizando a ideia de

⁸ Pompeia é um apelido dado a um aluno que se autodeclara gays e apresenta comportamento socialmente atribuído ao feminino. Segundo esse aluno o apelido faz referência a ele ser chamado de gordo, porém não soube explicar a relação. Perguntei ao aluno que usou a expressão e ele também não soube explicar a origem do apelido ou qual a relação com o aluno.

que possam se tornar homossexuais se expressarem determinados comportamentos. O medo da homossexualidade aqui não está só em eles “virarem homossexuais”, mas, também, de serem significados pelos outros como homossexuais, de serem chamados de “viadinhos”, “pocs”, “qualhiras”, “bibas”, “frescos”, “mulherzinha”, “bichonas” etc.⁹.

Por essa razão, segundo Silva (2005), a identidade homossexual é considerada um problema, uma vez que a heterossexualidade é constituída como a norma invisível relativa a todas as outras formas de sexualidade, assim, qualquer identidade sexual que seja tida como diferente é considerada um desvio da norma. Sobre isso, Badinter (1993) diz que em alguns homens existe um grande temor em relação a homossexualidade, uma constante tentativa de manter distância de qualquer possibilidade que remeta à homossexualidade e isso é traduzido em práticas agressivas e violentas.

Portanto, as relações entre as múltiplas e dinâmicas referências de masculinidades acontecem, algumas vezes, de forma problemática, conflitante e excludente por ainda vivermos em uma sociedade pautada em discursos naturalizados a respeito dos corpos, gêneros e das sexualidades, discursos esses que são internalizados e servem de referência para a produção das identidades desses alunos. É nessa lógica que se criam “normalidades” e “anormalidades” que irão sustentar fronteiras para as masculinidades no interior das relações entre alunos e na relação deles com a sua própria identidade.

Considerações finais

No decorrer deste trabalho observamos que existe no espaço escolar uma produção e reprodução intensa de discursos sobre gênero, que são constituídos a partir de uma visão naturalizada sobre a forma como os corpos deviam se apresentar. Esses discursos funcionam como mecanismos de significação das identidades de gênero e sexualidade dos alunos.

Percebeu-se que a forma como o aluno é representado e posicionado no espaço escolar pesquisado é feita a partir dos atos apresentados pelo seu corpo e quase sempre a partir do formato de como o olhar outro significa esses atos, como masculinos ou femininos. O que não deixa margens para que o próprio aluno signifique a si mesmo, ou seja, o aluno no espaço escolar é sempre aquilo que o outro diz sobre ele.

⁹ Termos usados no espaço escolar pesquisado para significar de forma pejorativa alunos como homossexuais.

A significação de atos que representem que um corpo apresenta uma masculinidade normal ou anormal ainda é feita a partir de discursos produzidos a partir das normas de gênero, ou seja, discursos que dizem que determinadas coisas são cabíveis a um homem de verdade. Sendo que aqueles que apresentam seus corpos com atos que socialmente se atribui às mulheres são considerados como não possuidores de uma masculinidade normal, independente da forma como o aluno se autodeclare.

Assim, percebemos entre os alunos processos de vigilâncias constantes e tentativas de se manterem o mais próximo possível aos comportamentos esperados pelas normas de gênero para não serem considerados menos homens. Junto a isso, os alunos reproduzem e produzem uma série de atos que servem para testar o gênero e a sexualidade do outro e por isso, os alunos precisam provar o tempo todo que são “homens de verdade” e que são fiéis a norma de gênero, do contrário, estarão sujeitos a diversas formas de violência física e simbólica.

Logo, os discursos de gênero produzidos e reproduzidos por alunos no espaço escolar são responsáveis pela construção de significados sobre o gênero e a sexualidade do outro e posicioná-lo com uma masculinidade normal ou anormal a partir daquilo que as normas de gênero construíram historicamente como natural para cada gênero.

Este trabalho buscou apresentar apenas alguns aspectos do processo de construção de referências de masculinidades nos espaços de educação e por essa razão se limitou a fazer a análise a partir das relações das masculinidades entre si, dando voz aos discursos dos alunos que autodeclaram experienciar uma identidade de gênero masculina, independente de sua sexualidade. Sendo assim, não nos preocupamos aqui com a relação entre as masculinidades e feminilidades e nem com a relação entre aluno e instâncias da escola.

Sendo assim, sugere-se que em outro momento seja observado essas outras relações e como elas também influenciam na construção dos discursos e significados de corpos, atos, gêneros e sexualidades. Pois até aqui conseguimos apresentar alguns aspectos sobre como no espaço da escolar, na relação entre as masculinidades entre si e a partir produção e reprodução de discursos algumas referências de masculinidades são posicionadas como normais e outras como anormais, no entanto é preciso que observemos que outras relações também estão atravessando esses processos.

Referências

- BADINTER, Elizabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, v. 42, p. 249-274, 2014.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam. In: LOURO, Guacira. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- CONNELL, Raewyn. Teaching the boys: new research on masculinity, and gender strategies for schools. **Teachers College Record**, v. 98, n. 2, p. 206-235, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 18 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In. LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 30 – 42.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A Pedagogia do Armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. **Revista Educação On-line PUC**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 64-83, 2012.
- JUNQUEIRA, R.D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. IN: **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília-DF: MEC/UNESCO, 2009. Disponível em: <http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume32_diversidade_sexual_na_educacao_problematizacoes_sobre_a_homofobia_nas_escolas.pdf>. Acesso em: 22 de março de 2019.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LOURO, G. Corpo, escola e identidade. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, 2000, pp. 59-75.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Do poder ao gênero: uma articulação teóricoanalítica. In: LOPES, Marta Julia; MEYER, Dagmar; WALDOW, Vera Regina (orgs.). **Gênero & saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p.41 -51.

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista de; MAIO, Eliane Rose. Homofobia e (re)produção da(s) diferença(s): ações conjugadas no plural no contexto escolar. **Momento**, ISSN 0102-2717, v. 23, n. 2, p. 73-94, jul./dez. 2014.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, v. 28, Dossiê Sexualidades Disparatadas, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>>. Acesso em: 16 de maio de 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.